

EDITORIAL

O dossier deste número duplo da revista Forum Sociológico é dedicado a olhar a modernidade actual da sociedade em geral, e da sociedade portuguesa em particular a partir da construção de diferentes objectos e problemáticas sociológicas. O interesse crescente das Ciências Sociais e da Sociologia sobre esta temática resulta em grande medida da maior intensidade das transformações sociais ocorridas em diferentes domínios da sociedade contemporânea.

Por outro lado, as referidas mutações socialmente observadas não deixam de constituir pontos de referência a partir dos quais muitos sociólogos buscam os seus novos centros de interesse, alimentando-os com outros questionamentos que geram, por seu turno, novos olhares alicerçados em novos problemas e novas problemáticas teóricas e metodológicas. Como um dos múltiplos dispositivos de reflexividade social à disposição dos indivíduos, dos grupos, das organizações e instituições sociais modernas, as Ciências Sociais e a Sociologia fornecem variadas explicações e interpretações sobre distintos problemas que afectam e preocupam os cidadãos, constituindo-se por via da sua maior difusão social como reportórios de apoio à acção reflexiva desenvolvida por actores individuais e colectivos. Por seu turno os trabalhos de interpretação produzidos pelos actores modernos, apresentando sentidos específicos e singulares porque adequados às situações e experiências vividas por cada um, não deixam de constituir para os cientistas sociais novos desafios que tentam responder através do desenvolvimento de novos questionamentos e abordagens.

Que sentidos são possíveis identificar nas mudanças produzidas nos modos de vida dos indivíduos, dos grupos, das organizações e instituições sociais modernas? Quais são as consequências que decorrem da estruturação dos processos da modernidade, cujo dinamismo parece não deixar indiferente nem os cientistas sociais, nem outros actores individuais e colectivos, em particular, os diferentes especialistas, técnicos, políticos e jornalistas, que no uso do registo escrito ou falado não deixam de participar no debate público informal ou formalmente promovido e organizado por distintas instâncias? Que contributos teórico-metodológicos são fornecidos pelas pesquisas sociológicas no âmbito deste extenso e complexo debate público? De que forma a Sociologia participa activamente no trabalho de reflexividade social que constitui para muitos de nós uma das características principais das sociedades modernas contemporâneas?

Em busca de pistas de entendimento para muitas das questões atrás colocadas, a revista Forum Sociológico organizou em 30 de Novembro de 2001 na cidade de

Lisboa uma conferência destinada a escutar e a debater diferentes «Olhares sobre a Modernidade». Promovida pela Revista Forum Sociológico do Instituto de Estudos e de Divulgação Sociológica da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa a conferência foi patrocinada financeiramente pelo Instituto Franco-Português e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Sem a prestimosa colaboração prestada por estas duas instituições não tinha sido possível organizar a referida conferência. Nestes nossos agradecimentos, não podemos deixar de registar o empenhamento pessoal que Nicolas Vaicbourdt, Conselheiro Universitário da Embaixada de França no nosso país, deu para a realização desta conferência. Sem a sua intensa e amável colaboração na realização deste evento ocorrido no Instituto Franco-Português talvez tivesse sido difícil organizar a referida conferência com a qualidade e o êxito experimentado por quem teve a oportunidade de assistir às intervenções dos ilustres cientistas convidados e comentadores.

Apesar dos diversos compromissos nacionais e internacionais Luc Boltanski e Peter Wagner estiveram presentes na referida conferência e amavelmente se dispuseram a entregar por escrito aos organizadores deste dossier as suas comunicações que agora se tornam públicas. Não queremos perder esta oportunidade para mais uma vez agradecer a disponibilidade manifestada por estas duas ilustres figuras da Sociologia mundial. Por outro lado, é preciso manifestar também o nosso agradecimento em relação ao empenho expresso pelos restantes intervenientes neste número da revista. Depois dos contactos efectuados por nós todos acederam, sem qualquer tipo de exigência, a colaborar neste dossier. Também não podemos deixar de agradecer a colaboração prestada por Samanta Velho e Márcia Gonçalves, alunas de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. Com o empenho pessoal de cada uma foi possível planear e organizar informaticamente este número duplo da revista. Finalmente uma palavra de reconhecimento especial é também dirigida a Ana Patrícia Pereira, uma vez que traduziu o texto da autoria de Luc Boltanski.

Um dos conferencistas – Luc Boltanski – cujo olhar sobre a modernidade tornamos agora público na revista, interroga-se, a partir de uma pesquisa realizada em parceria com Ève Chiapello, sobre o aparecimento de uma nova moral – a moral da rede - que aparece ligada às críticas e justificações produzidas por especialistas da área da gestão das empresas a partir das recentes transformações ocorridas no capitalismo moderno. Esta nova moral ao ser analisada a partir dos registos escritos por estes especialistas, em resultado das suas experiências vividas nas empresas modernas, transforma o ideal de projecto em rede num novo regime de acção mais adequado aos desafios levantados pelo novo espírito do capitalismo em construção a partir da crise económica dos anos 70 do século passado. Integrada nesta ampla análise sobre as recentes transformações ocorridas na sociedade capitalista francesa o autor apresenta de uma forma sintetizada e sistematizada o papel e a natureza das acções justificativas desenvolvidas por actores reflexivos e críticos nas sociedades modernas. Estas reflexões realizadas em conjunto com Laurent Thévenot tomam por objecto

situações comuns de disputas experimentadas pelos actores nas sociedades modernas. A partir deste tipo de disputas públicas sem o recurso à violência física os actores são levados a accionar os seus dispositivos críticos e reflexivos, quer quando procuram chegar a um acordo, quer quando manifestam o seu desacordo. As acções justificativas apresentadas pelos actores em resultado das referidas situações de discórdia pública, e objectivadas através dos seus pronunciamentos escritos ou falados, são identificadas por Boltanski e Thévenot a partir de seis registos de justificação que apresentam um determinado vínculo público uma vez que decorrem de um trabalho de reflexão e de argumentação política acerca da «*cité*» desenvolvida por diferentes filósofos de renome no panorama da Filosofia Política. Para cada uma das seis «*cités*» identificadas existe uma forma singular de aferir a grandeza dos indivíduos através dos princípios de equivalência ajustados às características de cada um daqueles mundos ou colectividades humanas.

De acordo com José Manuel Mendes, Boltanski tem dado uma menor atenção aos novos colectivos e à construção de novas identidades mobilizadoras que emergem nas margens do capitalismo ou resistem aos seus efeitos integradores e massificadores. Do seu ponto vista, o sociólogo francês desenvolve um olhar a partir de dentro do sistema capitalista, sendo contudo legítimo questionar pelas alternativas a esse sistema ilimitado de acumulação de capital produzido através da implementação de meios pacíficos. Apesar de pensar que as propostas teóricas avançadas por Boltanski e Thévenot vão ao encontro das preocupações desenvolvidas nas suas investigações mais recentes, sugere que as futuras incursões analíticas destes sociólogos dêem prioridade a objectos considerados habitualmente pela a Sociologia como objectos de segundo plano.

O segundo conferencista – Peter Wagner – cujo olhar sobre a modernidade também tornamos agora público neste número, investe analiticamente sobre as características e os percursos trilhados pelo projecto imaginado de modernidade, que apesar de ser construído a partir da época das Luzes, vai apresentando outros contornos ao longo da sua história. Por outro lado, a história da modernidade, dos seus actores individuais e colectivos, das suas organizações e instituições, não aparece separada da história do capitalismo moderno. Contudo, a sua abordagem afasta-se claramente, quer da teoria funcionalista, quer das teorias neo-marxistas sobre a modernização extensiva ocorrida nas sociedades de capitalismo avançado, nomeadamente as mudanças sociais, económicas e políticas identificadas a partir da década de 70 do século XX. Em vez de processo de modernização, o autor opta em sua substituição por utilizar o conceito de modernidade. A modernidade contemporânea, tal como aconteceu num passado ainda não muito longínquo, parece desenvolver-se sob a tensão permanente entre os seus dois principais pilares fundadores: o pólo da liberdade e o pólo da disciplina. Através de uma nova conceptualização a operar na designação modernidade, afastando-a das concepções críticas avançadas pelos opositores ao capitalismo, o autor propõe também um outro olhar sobre o próprio conceito de capitalismo moderno.

Do ponto de vista de Bragança de Miranda a postura crítica desenvolvida por Wagner sobre o próprio conceito de modernidade é insuficiente. Mais do que identificar as diferentes definições criadas a propósito deste conceito, o comentador apela para a necessidade de substituir uma simples visão historicista desenvolvida pelas teorias da modernidade por uma outra abordagem onde a matriz das ligações entre actores individuais e colectivos, e entre os actores e os diferentes objectos de distintas naturezas, adquira um lugar central nestas perspectivas.

Destes dois olhares sobre a modernidade contemporânea com tonalidades mais conceptuais, os restantes artigos que aqui são revelados ao público apresentam olhares sobre objectos relacionados com a sociedade portuguesa, onde a temática da modernidade aparece também equacionada com intensidades e centralidades bastante diferenciadas.

Helena Jerónimo aborda no seu artigo as relações de parceria, mas também de tensão, entre a ciência, a religião e a modernidade. Situando o seu olhar sociológico a partir das representações produzidas por representantes de uma confissão religiosa – os Jesuítas – a autora questiona, por um lado a natureza das relações entre a fé e a razão, e por outro lado, a inserção daquelas relações no quadro da modernidade portuguesa.

José Manuel Resende interroga-se sobre o lugar da produção social de uma acção justa, quer no quadro das reflexões sociológicas sobre os regimes de acção de natureza justificativa desenvolvida por Boltanski e Thévenot, quer no quadro da emergência do individualismo moderno contemporâneo, onde a construção da identidade pessoal e profissional emerge em redes de interdependência recíproca. A partir do estudo de um caso de denúncia profissional apresentado por um docente do liceu, o autor descreve e interpreta todo o acto acusatório apresentado por escrito pelo professor liceal, acto esse que é gerado no âmbito de uma conjuntura política nada favorável a este tipo de pronunciamento público.

Pierre Guibentif propõe-nos uma análise sociológica sobre as relações entre as representações sociais do crime e os actos de comunicação no quadro da teoria dos sistemas construído por Niklas Luhmann. De acordo com esta perspectiva, na teoria do direito ali desenvolvida o conceito de comunicação ocupa um lugar central, que se objectiva nas formas de conduta reveladas pelos actores quando estes foram confrontados pelo investigador durante a realização da pesquisa empírica.

João Teixeira Lopes analisa o lugar das relações e do trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores universitários. Utilizando um ponto de vista crítico sobre a pedagogia universitária – «a Universidade apresenta-se como palco privilegiado de “representações oficiais ou oficiosas” sobre o real; sobre o seu *próprio* real» - não deixa no seu artigo de equacionar algumas propostas conducentes a ultrapassar esta visão dominocêntrica. Viajar dentro da universidade captando o mundo social lá fora parece constituir uma orientação pedagógica a desenvolver com o propósito de romper com a circularidade das relações e práticas pedagógicas de carácter pendular e dominocêntrica.

Para Maria Manuel Vieira o ensino superior é olhado a partir das suas potenciais relações com o projecto imaginado de modernidade, quer naquilo que contribui para a sua emergência e consolidação, quer naquilo que suscita como lugar de questionamento a partir de problemas de natureza controversa e de risco, ou de problemas com carácter constrangedor e que podem apresentar diversos efeitos de vulnerabilidade em termos sociais. Como centro difusor de saberes e de produção de cientistas, de especialistas, de peritos, a universidade apresenta-se como um espaço que acompanha a modernidade, apesar desse processo não ser linear nem acumulativo, onde a inovação e a mudança se cruzam com a tradição, a rotina e a reprodução social. Num mesmo sentido a autora pretendeu articular as transformações recentes operadas no ensino superior português com os processos de produção do conhecimento e reflexividade social, dimensões indissociáveis da própria modernidade, sem esquecer de «aprender o sentido de algumas das práticas sociais manifestados nos estudos recentes sobre o ensino superior à luz do conceito de risco e da noção de pluralidade interna do actor».

O centro de interesse de Maria Eduarda Gonçalves é apreender as representações e o sentido das políticas que informam os discursos públicos sobre a produção científica. Na verdade, o grau de interesse manifestado pelos cidadãos sobre a orientação que é dada à política sobre o desenvolvimento científico e tecnológico, ou por outras palavras a graduação do conhecimento científico dos indivíduos (o tipo de literacia científica expressa) não pode, segundo a autora, aparecer dissociada «dos agentes sociais e políticos», nem tão pouco «do contexto e das motivações dos agentes e políticos envolvidos». No sentido de ajuizar com mais rigor esta relação e o crescente interesse pela Ciência nos países europeus, e em particular no nosso país, a autora entende ser necessário continuar a desenvolver pesquisas tendo como ponto de partida em termos de orientação política o «ideal de uma partilha mais efectiva do conhecimento científico e de um aprofundamento do compromisso quanto ao desenvolvimento da ciência» por parte daqueles que enformam e informam as políticas científicas.

Ana Delicado debruça-se no seu artigo sobre um complexo problema social. A questão da Sida não deixa de suscitar, quer em termos colectivos, quer em termos individuais, nos foros públicos e privados experiências de angústia e de sofrimento. A crescente mediatização desta forma de sofrimento, acrescido ao facto de a doença poder ser transmitida pelo sangue e pelo esperma levantam questões com impacto social uma vez que as referidas formas de transmissão surgem ligadas a ideias de pureza, procriação e reprodução social. As formas de julgamento socialmente produzidas sobre a doença, sobre o corpo e a sexualidade são também equacionadas nas suas relações com o tipo de respostas que o Estado e outras organizações acabam por dar no sentido de reduzir os seus efeitos epidémicos e de sofrimento individual e colectivo.

Maria José Villa-Lobos interessa-se por interpretar sociologicamente o lugar da taberna num contexto urbano e rural alentejano que apresenta marcas de profundas

transformações ocorridas nas últimas décadas. Lugares de relações de sociabilidade múltiplas, a taberna parece constituir para os seus frequentadores como um espaço intermediário entre o tempo de trabalho e o tempo dedicado à família. As funções, as modalidades de apropriação e as configurações ali traçadas pelos actores transformam a taberna num espaço onde a tradição e a modernidade se cruzam, uma vezes de forma cordata e ajustada, outras vezes em forma de tensão e desajustada.

Bruno Miguel Dionísio aborda no seu artigo a questão da velhice. As modalidades de construção social operada sobre esta categoria parece constituir o eixo central da sua reflexão. O eu dos velhos e a sua relação com os outros cruzam-se em diferentes representações e imagens num jogo de percepções e de representações nem sempre convergentes, nem sempre dissonantes.

João Pedro Nunes trata neste texto a questão do trabalho social de planeamento urbano realizado por um grupo de técnicos. Tarefa oficialmente definida para um corpo de especialistas formados para responder aos desafios colocados pelo planeamento urbano, as suas funções e finalidades não deixam porém de constituir um feixe de problemas que podem ser tratados sociologicamente.

Maria da Penha Siqueira, Márcia Uliana e Patrícia Melro incidem as suas preocupações analíticas sobre o processo histórico de longa duração e de carácter multidimensional que contribui para a construção social da categoria de pobres urbanos. Enriquecem esta deambulação conceptual recorrendo à identificação das fontes dos discursos e representações ideológicas que estão por detrás da referida construção. As autoras não deixam também de equacionar as relações entre a função reguladora da produção ideológica e o trabalho de regulação realizado pelas instâncias estatais no tecido social urbano mais frágil, isto é, sobre os indivíduos e grupos que detêm menos recursos materiais, culturais e simbólicos.

Por último, Luísa Franco elege no seu artigo um objecto que só muito recentemente tem suscitado interesse na comunidade dos sociólogos. Estamos a falar da violência doméstica como objecto de interrogação sociológica. Neste sentido, a autora questiona os sentidos atribuídos a esta questão social gerados por mecanismos ligados à sua visibilidade pública, ao seu tratamento e representação utilizando para efeitos de análise sociológica os contributos deixados pelas perspectivas construtivistas. Por outro lado, não deixa de inserir nas suas reflexões o trabalho de institucionalização do problema e das formas de categorização correlacionadas através de uma análise efectuada às lógicas que se encontram subjacentes ao tipo de tratamento do problema e às formas de resposta que as organizações de apoio às vítimas de agressão doméstica intentam encontrar com vista à sua resolução.

*José Manuel Resende
Hugo Mendes*